

SKATISTA TAMBÉM

bate ponto

NÃO BASTA VOAR: A
BRÁSILIA DO SKATE
TEM DE ENCONTRAR A
MANOBRA PERFEITA

Carlos Vieira/CB/D.A Press



NO SETOR BANCÁRIO SUL, QUANDO O SOL SE PÕE, DESAPARECEM AS CAMISAS BRANCAS E AS GRAVATAS, E ASSUMEM AS MOCHILAS, OS BONÉS DE ABA RETA E AS CAMISETAS LARGAS

Quando Lucio Costa rascunhou o Setor Bancário Sul, ele dificilmente imaginou que o piso de concreto e os prédios espelhados dividiriam espaço com barras de ferro e caixotes de madeira. Mas a capital planejada, como qualquer cidade que respira, impôs seus imprevistos. Em uma das laterais dos mais de 22 hectares projetados para abrigar edifícios como o da Caixa e do Banco do Brasil, uma meninada — e o termo vale para qualquer idade — desliza em velocidade de cruzeiro enquanto pensa na próxima manobra. Há 35 anos, o local é o pico da capital — e, acredite, referência em skate em todo o país.

Kioshi Ichikawa chega cedo, todo santo dia. Não é skatista. Nem bancário. E, de japonês, só o nome. Nascido em Taguatinga, há três anos ele assumiu a lanchonete da família, umas das tantas que ficam atrás da Galeria dos Estados. Ali, no balcão de Kioshi, a democracia se espalha: o sujeito de terno espera na fila atrás de um menino de boné de aba reta.

Todos os dias, como os bancários, os meninos batem ponto. À medida que vai escurecendo e a turma da gravata toma o caminho de casa, mais e mais skates, mochilas e bonés aparecem. Além da indelével camiseta larga.

Nas mais de três décadas dessa ocupação, eles transformaram as retas, os bancos e a fonte d'água vazia em pista. Ao longo dos governos locais, algumas calçadas e bancos chegaram a ser modificados

para afastá-los, o que, claro, não funcionou. No rush da semana, a tarde de sexta-feira, há entre 50 e 60 praticantes — gente suficiente para garantir a trilha sonora de estouros de skates batendo no concreto.

A turma flana por todo o Setor Bancário, mas o ponto oficial tem endereço: sob a marquise do Edifício Sede 1 do Banco do Brasil, o mais antigo e maior prédio da instituição. “Claro que tem ‘gravata’ que reclama. Mas a gente protege todo mundo com a nossa presença. Expulsamos a criminalidade”, acredita Tiago Oliveira, conhecido entre os amigos como Secura. Mesmo aos 26 anos, ele ainda sonha com a carreira profissional — chega no começo da tarde e racha um refrigerante de 2 litros, que sustenta o exercício até metade da noite.

Carlos Abrantes compartilha planos ambiciosos com Secura: o sonho de um dia andar pela Califórnia e ter um jogo de videogame com seu nome. Quem anda por ali reconhece que “o garoto manda bem”. Aos 15 anos, ele costuma conversar olhando para o chão. A timidez dos olhos, porém, não é a mesma das palavras, quando diz que já ganhou tantas competições que “perdeu a conta”. “No

começo, minha família não apoiava, mas depois viram que é um esporte como qualquer outro.”

Apoio da família, muitas vezes, é artigo raro. Graciana Rodrigues, 18 anos, teve de conquistar o direito de andar de skate: ela trabalha, estuda, tira notas boas, tudo para provar o contrário do que pensa o pai. De short curto, meia três quartos e batom vermelho, Graciana é uma das meninas no “pico”. E jura que não há discriminação entre eles: “Somos três a cada 10 skatistas por aqui”, arrisca.

No grupo — homens e mulheres —, há outro tipo de divisão, muito particular: as gerações. Calcula-se por faixa etária, desde que o Setor Bancário virou “pico”. Carlos Abrantes, por exemplo, é da quarta geração. E, à medida que eles vão trocando os skates por carros, os que continuam apegados ao concreto do Setor Bancário viram quase celebridades. É o caso de Cristiano Carlos, o Nego Bala, da primeira geração. Não fosse a voz grossa ou o domínio de uma manobra ou outra mais incrementada, ninguém diria que ele tem 38 anos. E já representa outras Brasília, que não apenas a dos skatistas.

FICHA TÉCNICA

O QUE É

Turma do skate

ONDE FICA

Setor Bancário Sul,
Esplanada dos Ministérios

QUEM VAI

Skatistas

QUANDO VAI

Às sextas-feiras, depois das
17h, e fins de semana

HÁ QUANTO TEMPO

Desde os anos 1980

Playlist

O skate é um esporte levado pela música. Na hora do som, são basicamente dois grupos: rap e rock.

- 1) *Um bom lugar* (Sabotage)
- 2) *Skate drink* (ZRM)
- 3) *One train* (ASAP rocking)
- 4) *Só* (Kamau)
- 5) *Pet Sematary* (Ramones)
- 6) *Na estrada da vida* (Nocivo Shomon)
- 7) *Hustlin'* (Rick Ross)

As gírias mais comuns de quem anda de skate

Pico: lugar

Halfpipe: estrutura côncava (do inglês, meio tubo), de madeira ou ferro, na qual skatistas fazem manobras

Trick: manobra (do inglês, truque)

Marreteiro: alguém que acerte muitas manobras

Crew: galera (do inglês, grupo, equipe)

Gap: o espaço que o skatista pula, como o vão de uma escada (do inglês, espaço vazio)

95cm x 20,3cm

Street

Trata-se do skate clássico. A evolução dos modelos dos anos 1960 tem as pontas arredondadas e levantadas. O preço varia entre R\$ 70 e R\$ 400.

56cm x 15,24cm

Cruiser

São skates pequenos, que parecem de brinquedo, usados como forma mais prática de transporte. O cruiser tem cerca de 50cm e varia de R\$ 200 a R\$ 800.

114,3cm x 25,4cm

Longboard Pintail

É o tradicional da modalidade longboard: skates maiores, menos manobras de pulos e obstáculos, mas mais velocidade. O shape custa entre R\$ 190 e R\$ 300.

96,5 cm x 25,4cm

Longboard Simétrico Rebaixado

Para os não praticantes, é certamente o que mais causa estranhamento. Esse longboard é utilizado em descidas, para velocidade. Preço: de R\$ 180 e R\$ 400.